

O Manifesto Comunista

Grupo de Comunistas Internacionais

Link: <https://aaap.be/Pages/Radencommunisme-1938-01-03.html>

Karl Marx e Friedrich Engels foram encarregados de escrever esse manifesto no Congresso da *União dos Comunistas* em novembro de 1847. Eles o fizeram com maestria, - o *Manifesto Comunista* tem sido um sinal brilhante durante todo o período seguinte na luta da classe trabalhadora por sua libertação da exploração e opressão capitalistas. Isso é especialmente verdadeiro na forma como ele caracteriza o curso do desenvolvimento da sociedade capitalista.

"Toda a história até hoje é uma história de luta de classes" - com essa afirmação, o *Manifesto* começa e mostra de que fonte essa luta de classes é alimentada: das relações materiais de vida e produção na sociedade.

A partir disso, ele faz um relato magistral do desenvolvimento social do feudalismo ao capitalismo, mas principalmente do capitalismo ou da própria sociedade burguesa.

Magistral - não apenas por causa do estilo brilhante em que foi escrito, mas principalmente pela maneira como o desenvolvimento social é dissecado. As forças materiais pelas quais as pessoas são conduzidas são expostas nele, e isso dá ao Manifesto seu caráter científico contra as inúmeras fantasias dos historiadores burgueses. Assim, Marx foi capaz de rastrear a legalidade do desenvolvimento social; o socialismo, pela primeira vez, passou a se apoiar em uma base sólida; da utopia à ciência.

Assim, no *Manifesto Comunista*, o pensamento historicamente materialista foi expresso abertamente pela primeira vez.

Assim, foi anunciada uma revolução no pensamento das pessoas na esfera social; uma revolução no pensamento, que não pode ser separada da revolução nas ações das

peessoas. Com isso, também, o *Manifesto* anuncia a crescente revolução social. No mesmo momento, quando a classe proletária se afirma pela primeira vez em um grande movimento de massa, são forjadas as armas teóricas que a ajudarão em sua luta, anunciando sua vitória final. A vida de Marx foi dedicada a esse objetivo; ele deu forma científica à luta pelo comunismo, e o *Manifesto Comunista* é o primeiro documento brilhante disso. Com ele, a ciência social revolucionária entrou na arena de luta; agora, noventa anos depois, o marxismo está sendo combatido mais ferozmente do que nunca.

À medida que o perigo da revolução proletária se torna mais claro e mais ameaçador, a classe dominante do mundo inteiro se move mais ferozmente contra o marxismo. Quanto mais instável sua posição dominante se torna, menos capaz ela é de conter as causas sociais que produzirão a revolução mundial e com mais ódio ela persegue tudo o que está ou parece estar ligado ao marxismo. Mais uma razão para que a classe trabalhadora se familiarize com ele.

A classe trabalhadora precisa do marxismo em sua luta pela libertação. Assim como a construção técnica do capitalismo não é possível sem os dados da ciência natural, a construção orgânica do comunismo não é possível sem o que a ciência social tem a nos dizer. De todo o marxismo, isso foi, antes de tudo, a descoberta a quente da estrutura do capitalismo, da exploração, da luta de classes e das tendências de desenvolvimento do capitalismo. Isso deu uma base sólida aos trabalhadores em sua luta de classes que despertou espontaneamente.

Além disso, era a doutrina do desenvolvimento da sociedade, impulsionada pelo progresso técnico, desde os modos de produção primitivos, passando pelo capitalismo, até o comunismo. Daí surgiu a confiança e a certeza de que a luta acabaria por levar à vitória, à libertação. Isso foi especialmente significativo quando a classe trabalhadora, ainda em número reduzido, começou a luta desigual, e as massas, até então sem esperança e atordoadas, ainda não haviam sido despertadas.

"Quando a classe trabalhadora se torna mais numerosa e poderosa e a sociedade se enche de luta de classe proletária, outra parte do marxismo se torna cada vez mais a questão principal. É então necessário que os trabalhadores saibam, não apenas isso, mas, acima de tudo, como lutar, como superar suas fraquezas, como alcançar força e unidade. Sua condição econômica e sua posição como explorados no processo de produção deveriam facilitar bastante a união entre eles e a luta comum pelo poder sobre a produção. O que os impede de fazer

isso é - além dos meios materiais de poder da burguesia - o poder dos sistemas de ideias do passado, todo o incrível poder espiritual do mundo burguês. As mentes dos trabalhadores estão, por assim dizer, tomadas por uma densa névoa, presas, sufocadas por ideologias, confundindo-as, afastando-as e tornando-as inseguras. Superar isso é o processo real e demorado de construção do poder dos trabalhadores, até a revolução." ¹

(De: *Lênin como filósofo*, edição G.I.C., 1938)

O valor imperecível do Manifesto Comunista reside no fato de que nele a ciência social marxista entrou em cena pela primeira vez. Para entender a conclusão a que o próprio Marx chegou com relação às ações da classe trabalhadora naquela época, devemos ter em mente as condições da época.

Há 90 anos, a Europa estava à beira de um movimento revolucionário no qual o proletariado surgiu com suas próprias demandas.

Antes disso, o proletariado já havia demonstrado sua força em tremendos levantes e enchido a burguesia de medo. A revolta na Inglaterra, o movimento cartista de aproximadamente 1820;1850, a revolta em Lyon em 1831, fizeram com que a burguesia da França escrevesse abertamente em seu jornal, o *Journal des Debats*, o seguinte:

"Não há razão para esconder as coisas, pois o silêncio ajuda em quê? A revolta de Lyon expôs um segredo importante: a luta dentro da sociedade entre a classe dos possuidores e a classe dos despossuídos [...] Todo fabricante vive em sua fábrica como o dono da plantação entre seus escravos, como uma única pessoa contra cem."

"Ao lado da classe média há uma população proletária em estado de agitação, sem saber o que quer, para onde está marchando, o que seu interesse exige. As coisas estão indo mal para ela. Ela quer uma mudança. Isso é um perigo para a sociedade moderna (ou seja, capitalista); talvez novos bárbaros surjam e a destruam [...]. Não se trata da república, nem da monarquia, mas de salvar a sociedade."

¹ "Quando a classe trabalhadora se tornar mais numerosa e poderosa, e a sociedade estiver repleta de luta de classes, outra parte do marxismo deverá vir à tona. Então, não é mais o principal saber que eles são explorados e devem lutar, eles devem saber como lutar, como superar suas fraquezas, como fortalecer sua unidade e seus pontos fortes. Sua posição econômica é tão óbvia, sua exploração é tão óbvia, que sua unidade na luta, sua vontade comum de assumir o controle da produção deve, de fato, ser estabelecida imediatamente. Isso é impedido principalmente pelo poder das ideias herdadas e incorporadas, o temível poder espiritual do mundo burguês, que envolve suas mentes em uma espessa nuvem de crenças e ideologias, que as divide, confunde e desestabiliza. {O processo de "Aufklärung", o esclarecimento e a superação de todas essas velhas ideias e ideologias é essencial para a formação do poder dos trabalhadores e para o progresso da revolução. Aqui precisamos daquela parte do marxismo que chamamos de sua filosofia, a relação entre ideias e realidade."

([tradução posterior](#)).

Assim escreveu a burguesia já em 1831, quando mal havia sentido o poder que ameaçava sua existência. Mas esse poder estava começando a se desenvolver, o que ela havia aprendido com a revolta das massas inglesas, que estavam lutando contra a miséria causada pelo capitalismo. A burguesia aprendeu com essa luta de classes que o proletariado da época, apesar de sua ignorância e dúvida sobre sua própria força, podia lutar por seus interesses com coragem e energia admiráveis.

E na revolta dos trabalhadores têxteis de Lyon, a força desenvolvida pelos trabalhadores foi tão grande que todos os elementos burgueses, que de outra forma eram bastante "democráticos", agora estavam zelosos de medo de tomar as medidas mais rigorosas contra esses "bárbaros".

Após o esmagamento da primeira revolta de Lyon, a França não estava mais "tranquila". Depois de uma segunda rebelião em 1834, Paris começou a se movimentar. E, apesar do fato de que "o sangue mais nobre da França", como Heinrich Heine o chamou, correu nas barricadas, apesar de tudo isso, impulsionado pela fome e pela exaustão, a luta dos trabalhadores franceses continuou, culminando na chamada Revolução de Fevereiro de 1848.

No entanto, essa revolução não foi uma revolução proletária.

Na realidade, os trabalhadores estavam lutando pelos interesses da burguesia. Eles achavam que estavam lutando por seus próprios interesses, mas a prática da revolução lhes ensinou o contrário.

Afinal de contas, qual era o caso? Em 1789, a burguesia, apoiada pelos camponeses e pelo povo de Paris, havia expulsado a antiga nobreza e o clero de seu governo. Em 1848, entretanto, os últimos vestígios desse governo feudal deveriam ser destruídos. A burguesia exigiu a implementação do sufrágio, o que lhe daria mais poder no Estado. Com o aparato estatal, ela poderia buscar melhor seus interesses. Entretanto, quando a grande crise de 1847 tornou a situação impossível para a pequena burguesia, ela se rebelou.

No entanto, não foi ela mesma que iniciou a revolta.

Os trabalhadores já haviam enchido as ruas e travado a batalha contra o governo corrupto.

Então, quando o governo é deposto e a burguesia consegue se estabelecer no aparato estatal, ela se torna a mais feroz oponente dos trabalhadores. E embora o proletariado tenha lutado por seus interesses em uma série de manifestações revolucionárias e batalhas de barricadas, "contra a aristocracia financeira, a burguesia industrial, a classe média, o exército, o lumpen proletariado organizado na guarda móvel, o clero e a população rural", contra todos esses grupos reacionários, o proletariado não conseguiu se manter firme. "Não havia ninguém do seu lado".

Não só na França, a destruição dos últimos vestígios da classe feudal estava na ordem do dia.

Na Alemanha e na Áustria, a realeza ilimitada e a propriedade de terras nobres eram dominantes.

A Alemanha era formada por pequenos estados, o que impedia o livre desenvolvimento da burguesia, que, devido ao seu pouco poder econômico, também não podia exercer o poder político.

Na Áustria, o regime absolutista ainda prevalecia, o que também inibia o desenvolvimento da burguesia. Mas isso também inibiu o desenvolvimento e a ascensão ao poder dos trabalhadores. Por isso, ainda não havia ocorrido nenhum grande conflito de classes entre eles.

Consequentemente, quando se soube em Viena que a revolução havia estourado na França em fevereiro, eles também se levantaram em resistência e o movimento se espalhou para Berlim. Mas aqui também, temendo as tendências proletárias reveladas por esses levantes, a burguesia não renunciou ao seu caráter de classe e preferiu fazer concessões aos antigos governantes a correr o risco de ser completamente expropriada pela classe trabalhadora. Mais uma vez, a burguesia se aninhou no aparato estatal com os antigos poderes e exerceu um terror terrível sobre os trabalhadores, que primeiro ajudaram a burguesia.

Em todos os lugares, o proletariado mostrou seu poder.

A burguesia tinha medo dele. Era o espectro que ameaçava seu domínio.

Por isso, o *Manifesto Comunista* começa com as palavras: "Um espectro assombra a Europa, o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa se uniram em um esforço sagrado contra esse espectro". Mas a classe trabalhadora ainda não era forte o suficiente para derrotar a burguesia. O próprio capitalismo ainda não havia criado o exército de milhões de proletários (como faz hoje), que ameaça o poder da classe dominante. Naquela época, no entanto, os comunistas acreditavam que uma revolução proletária seria deflagrada. Por isso, o *Manifesto Comunista*, publicado pouco antes da eclosão da revolução de 1848, continha uma tática sobre como os comunistas deveriam agir e quais medidas o proletariado vitorioso deveria tomar para manter o poder conquistado.

Antes de mais nada, o Manifesto Comunista escreveu,

"o proletariado usa seu governo político para privar gradualmente a burguesia de todo o capital, centralizar todos os meios de produção nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como uma classe dominante [...]."

Naquela época, Marx ainda era da opinião de que o proletariado deveria expropriar "gradualmente" a burguesia. Ele também escreveu que os trabalhadores tinham de formar não um Estado burguês, mas um Estado proletário.

Mais tarde, Marx voltou a esses pensamentos. Mas falaremos mais sobre isso depois.

Em retrospecto, é compreensível que Marx tenha escrito isso. Afinal de contas, o *Manifesto* também afirma como os comunistas devem se relacionar com a burguesia. Onde ela age de forma revolucionária em sua luta contra o feudalismo, ali - assim escreve Marx - os trabalhadores devem travar essa luta junto com a burguesia. Isso mostra que Marx sabia muito bem que a classe trabalhadora daquela época ainda não estava tão avançada a ponto de poder mudar a sociedade por conta própria.

Portanto, os trabalhadores não podiam simplesmente derrotar e despojar a burguesia de um só golpe. Para isso, eles precisavam primeiro do Estado, que era propriedade da grande burguesia e dos senhores feudais.

Portanto, primeiro a classe trabalhadora teve de conquistar o Estado, organizar-se nesse Estado como classe dominante, ou seja, exercer, com o aparato estatal, uma ditadura sobre a burguesia e expropriá-la gradualmente, foi assim que Marx pensou antes da revolução de 1848.

Depois de 1848, no entanto, quando o proletariado é derrotado de forma sangrenta e a burguesia está entrincheirada no aparato estatal, chega o momento de tirar lições da revolução.

Mas foi somente em 1871, quando os comunistas tomaram posse de Paris por vários meses e mantiveram a burguesia fora dela, que Marx formulou as características do governo proletário, ou seja, todas as funções sociais, o trabalho, o poder legislativo e executivo sob a direção direta dos trabalhadores.

Ou seja: não mais um Estado, no qual o proletariado acabaria sendo controlado e explorado novamente por uma burocracia. A partir do exemplo de como os comunistas fizeram isso, diz Marx, você pode ver como os trabalhadores estabeleceriam a ditadura.

Por isso, em 1872, um ano após o início da Comuna de Paris, Marx e Engels escreveram o seguinte no prefácio de uma reedição do *Manifesto Comunista*:

"A Comuna forneceu a prova de que a classe trabalhadora não pode facilmente tomar posse da máquina estatal e colocá-la em movimento para seus próprios fins."

E também é dito na mesma passagem que a experiência prática da Revolução de Fevereiro e da Comuna tornou o programa do *Manifesto Comunista* parcialmente obsoleto. E, ainda mais tarde, Marx escreveu a um de seus amigos que o objetivo dos trabalhadores não deveria ser

"transferir a máquina burocrático-militar de uma mão para outra, mas quebrá-la. Essa é a condição prévia para qualquer revolução popular real no continente".

Assim como toda ciência tem de revisar suas teses quando novos fatos provam que suas teses são mais ou menos incorretas, o mesmo se aplica ao marxismo. O próprio Marx agiu de acordo com essa regra científica em relação ao *Manifesto Comunista*, como mostra o texto acima. A luta revolucionária de classes de 1848-1852 e a Comuna de Paris de 1871 provaram que o proletariado não pode alcançar sua vitória junto com

as classes burguesas, mas também não pode assumir o controle do aparato estatal burguês e estabelecer a sociedade comunista. O fato de Marx ter tirado as lições disso é, na verdade, evidente para qualquer pessoa que entenda o marxismo.

Não para a social-democracia daquela época, e certamente não para a de hoje, mesmo que ela também se autodenomine marxista. Principalmente a social-democracia alemã, que, no entanto, deu ampla circulação aos escritos de Marx, como escreve seu historiador H. Cunow, nem sequer notou essa mudança de objetivo com Marx - ou deliberadamente manteve silêncio sobre isso, podemos acrescentar.

O próprio Cunow é honesto o suficiente para reconhecer o fato, mas ele explica a mudança de percepções em Marx a partir de seu temperamento revolucionário, que gera percepções diferentes com a ascensão e queda da luta revolucionária.

A social-democracia nunca foi além dos objetivos do Manifesto Comunista - que, nesse aspecto, está ultrapassado. Ela se transformou há muito tempo em um movimento reformista burguês, renunciou na prática à luta de classes por um longo tempo e agora também está no processo de renunciar à teoria da luta de classes, ou seja, ao marxismo. Isso, por si só, já é uma prova positiva de que as teses do *Manifesto Comunista* que se referem a uma fusão do proletariado com os partidos reformistas burgueses não são mais sustentáveis.

A coexistência entre o proletariado revolucionário e as classes burguesas não é mais possível. A burguesia exige o abandono da doutrina da luta de classes, quer a subjugação da classe trabalhadora, quer suprimir a luta de classes do próprio proletariado. A social-democracia já se submeteu, mas as próprias massas trabalhadoras não podem desistir da luta; - a submissão não ajuda. Pois, apesar de trabalharem como escravos, a sociedade capitalista os mergulha ainda mais seguramente em crises e guerras cada vez maiores, nas quais as massas perecem. É exatamente isso que o marxismo ensina, bem como que isso só terminará quando a sociedade comunista tomar o lugar do capitalismo. A social-democracia nunca entendeu essa profunda verdade do marxismo. Não Cunow, que culpou o temperamento revolucionário de Marx por não pensar em relação ao Estado e à sociedade da mesma forma que o próprio Cunow e toda a social-democracia. Assim, a social-democracia teria lidado melhor com o marxismo

do que o próprio Marx, no qual o sentimento, e não a razão, teria determinado os resultados.

E, no entanto, não há dúvida de que, de acordo com a doutrina de Marx, o proletariado é, portanto, uma classe oprimida, porque foi despojado de seus meios de trabalho, que se tornaram o aparato social de produção, enquanto os meios de produção se tornaram, ao mesmo tempo, o aparato dominante da classe proprietária, de modo que o proletariado só pode se libertar se recuperar a disposição dos meios de produção - agora exercidos comunitariamente - em suas mãos.

Essa é a premissa básica a partir da qual o marxismo procede. Cada ato de luta, cada forma de organização que a luta apresenta, cada vitória e derrota são julgadas pelo fato de levarem o proletariado um passo adiante em direção a esse objetivo.

A social-democracia, quando se transformou em um partido reformista burguês, obscureceu esse núcleo do marxismo, substituindo-o por uma sociedade "socialista" como seu objetivo, na qual o "Estado" assume o controle do aparato de produção social da burguesia.

Na prática, isso não significa nada além do fato de que a classe proprietária se organiza como um estado; assim, ela leva o desenvolvimento do poder da burguesia ao topo. No entanto, isso não a beneficiará - o proletariado só terá de lançar massas incontáveis na luta, crescer mais em todos os aspectos para se libertar do poder do Estado capitalista.

A revolução russa de 1917 e, em especial, o fato de que uma vanguarda do proletariado (o Partido Bolchevique) conseguiu conquistar e manter o poder do Estado, trouxe novas lições precisamente com relação aos princípios do marxismo mencionados acima. Os próprios bolchevistas seguidores da doutrina de Marx ajudaram a esmagar o aparato estatal burguês-tzarista, seguindo assim as lições ensinadas pela Comuna de 1871. Mas eles construíram, usando sua própria organização partidária como exemplo, a partir das organizações sindicais existentes e dos sovietes formados pelas massas na revolução, uma nova organização estatal para suprimir as classes derrotadas, conforme declarado no início (consulte Lênin: *Estado e revolução*). Mas essa organização estatal recém-criada serviu simultaneamente para obter controle sobre a produção social. A

propriedade privada foi abolida e declarada propriedade do Estado. A relação social das massas trabalhadoras em relação a essa organização estatal permaneceu essencialmente a mesma que havia sido em relação à antiga classe capitalista.

Eles eram e continuaram sendo trabalhadores assalariados, eram e continuaram sendo proletários e oprimidos. A revolução russa não trouxe o proletariado para lá, a libertação do trabalho assalariado, que é o comunismo.

Se quisermos explicações sobre o motivo pelo qual a revolução russa teve esse resultado, podemos encontrar uma série de explicações, todas elas se resumindo ao fato de que as condições sociais na Rússia não estavam maduras para uma sociedade comunista.

No entanto, a parte revolucionária do proletariado ganhou poder político e também, na medida em que a produção foi industrializada, poder econômico.

Para preservá-la, não lhe restou nada além de continuar a industrialização da Rússia - já necessária do ponto de vista da autopreservação, uma vez que a interrupção da produção pela guerra e pelo terror branco causou fomes catastróficas.

Ela incitou os trabalhadores e as massas camponesas a fazer um esforço tremendo para essa industrialização da produção social. Para isso, ela teve de organizar e consolidar ainda mais o poder do Estado. A exploração do trabalho assalariado e a expropriação estatal-capitalista dos produtos agrícolas agora fornecem o material a partir do qual está sendo construído um aparato de produção cada vez maior que é, ao mesmo tempo, um aparato de poder à disposição do Estado.

A vanguarda revolucionária do proletariado, que se tornou o aparato estatal, assumiu assim a função de classe dominante.

Esse aparato estatal explora o trabalho assalariado e empobrece o campesinato.

Ele estabelece, na forma de propriedade estatal, um poder de capital formidável, mas, ao mesmo tempo, cria seu adversário, que ele superará destruindo o caráter capital da produção, ou seja, privando a burocracia estatal de sua disposição e gerenciando seu processo de trabalho de forma direta e imediata.

Isso acrescentou uma nova lição à lição da Comuna de Paris.

A Comuna de Paris ensinou: a classe trabalhadora não pode se libertar conquistando apenas o poder político, ela deve esmagar o aparato estatal burguês e construir sua própria organização de poder.

Mas, mesmo que o aparato estatal burguês seja esmagado e a construção de uma nova organização do Estado e do poder seja deixada para uma vanguarda revolucionária, como na Rússia, o proletariado assumiu a propriedade do capital como uma expressão de sua própria subjugação, só que em uma forma ainda mais gigantesca do que antes.

"A libertação da classe trabalhadora só pode ser obra dos próprios trabalhadores." Essa declaração agora assume um novo significado. Mesmo uma vanguarda do proletariado, como na Rússia, na época, não pode assumir essa tarefa da classe. Os trabalhadores devem assumir o controle de todos os meios de poder, políticos e econômicos, em todos os lugares, diretamente e sem desvios.

A luta revolucionária já apresentou claramente os instrumentos para esse fim, os conselhos de trabalhadores. De fato, em todos os lugares do mundo onde o proletariado luta de forma independente, ele faz uso dessas organizações. Se e quando essas organizações de combate se tornarem as organizações de poder social do governo proletário dependerá do desenvolvimento do poder da classe trabalhadora.

No entanto, se isso se tornar realidade, essa ação independente e conjunta dos trabalhadores por meio de seus conselhos também deve criar uma unidade mais elevada na vida social e, especialmente, na produção, que supere as contradições criadas pelo capitalismo em todos os lugares.

Para esse fim, a ciência social do marxismo é indispensável. Pois somente o marxismo pode expor as regras, de acordo com as quais a produção social deve necessariamente proceder, e assim cria a possibilidade de que, por meio do conhecimento das leis do desenvolvimento social e do uso consciente dessas leis, as pessoas controlem a sociedade, assim como no capitalismo, por meio do conhecimento das leis da natureza, foi possível tornar a natureza subserviente a si mesma.

Assim, a teoria marxista será chamada a ser uma arma tão importante nas mãos dos produtores sociais no futuro quanto a ciência natural está agora nas mãos de engenheiros e técnicos.

Assim, o marxismo é uma ciência viva, que ainda tem um grande futuro. E como primeiro documento disso, temos o *Manifesto Comunista*, frequentemente revisado pelo próprio Marx após cada nova lição revolucionária e, portanto, uma prova viva do desenvolvimento e crescimento da poderosa arma teórica da classe trabalhadora.